

## Na escola do bullying

---

Mal o professor entrou na escola, depois da sua hora de almoço, Daniela correu para ele com o rosto bem avermelhado e cheio de lágrimas.

- O que se passa? ? perguntou o professor.

- Os seus alunos bateram-me. Eram quatro ? replicou a menina, soluçando incessantemente.

- Vai ter comigo à sala. Vamos resolver isso ? indicou o professor.

Enquanto alguns alunos ainda se sentavam, o professor pediu a atenção de todos, pois era necessário realizar uma reunião extraordinária da Comissão de Ajuda.

- Porquê professor? ? perguntou o Manuel.

A razão tinha acabado de entrar na sala.

- Esta menina diz que foi agredida por quatro meninos desta turma. Quero saber o que aconteceu no recreio ? respondeu o professor.

E perante os dezoito meninos, Daniela contou o que se tinha passado no recreio da escola. O Pedro, o Paulo, o Rodrigo e o Diogo juntaram-se para a pontapear, esbofetear e puxar os cabelos.

- E tu, Daniela, fizeste alguma coisa que justificasse a atitude destes meninos? ? confrontou o professor.

- Não?eu só lhes disse para irem brincar para outro lado, porque me estavam a incomodar.

- Ui, que mentirosa. Tu vais levar?. ? bracejava o Rodrigo.

- Parece que tens uma opinião a dar sobre o assunto, Rodrigo. Foi isto que se passou? ? perguntou o professor.

Rodrigo falou e falou, mas nem tudo o que dizia se percebia, visto que ele tinha alguns problemas de linguagem.

Porém, admitiu e denunciou os restantes colegas que participaram no acto algo selvático.

Depois de vários depoimentos, que confirmaram a história de Daniela, o professor lançou a seguinte pergunta:

- O que se deve fazer para que eles melhorem o seu comportamento?

- Eu acho que deveriam ficar de castigo! ? referiu o Henrique.

- Aqui não há castigos. Eles deveriam ficar sem os direitos ? corrigiu a Paula.

- Isso mesmo, sem todos os direitos ? reforçou a Filipa.

- Pensem um pouco?. Se eles ficarem sem o direito de jogar computador na sala, o problema ficará resolvido?

- Não. Eles têm de ficar sem o direito de brincar no recreio, porque foi lá que eles bateram na Daniela ? respondeu a Sara.

Concordo contigo, Sara ? afirmou o professor.

- Vamos votar, vamos votar! ? gritava o Tomás.

- Votar o quê, Tomás? ? questionou o professor.

- A proposta da Sara ? respondeu ele prontamente.

- Espera, eu tenho outra proposta! ? declarou a Mariana. Em vez de perderem os direitos, eles deveriam ter outra oportunidade. Os guardas da escola deveriam vigiá-los para que eles não voltassem a bater.

Perante as duas propostas, procedeu-se à votação, tendo a maioria decidido que o Rodrigo perdia o direito de ir brincar no recreio e que os restantes três meninos seriam observados pelos guardas da escola.

- Não é justo, não é justo ? gritava o Rodrigo, já com fartas lágrimas nos olhos.

- Ele tem razão! Ele tem razão! Não é justo que só ele perca o direito de brincar no recreio, quando todos eles bateram na Daniela ? alertou o António.

- Qual é a vossa opinião? Querem repensar a votação? ? lançou o professor.

O barulho era intenso. Todos queriam falar. O dever de levantar o braço estava a ser esquecido. Daniela já punha as mãos nos ouvidos.

No fim, o Rodrigo perdeu o direito de brincar no recreio, durante três dias, enquanto os outros tinham sido penalizados apenas com um dia. A justificação não deixava margens para dúvidas: o Rodrigo tinha agredido mais violentamente a Daniela, puxando os cabelos repetidamente.

Como este caso de violência não era único na escola, convocou-se uma Assembleia de Escola. Sob a presidência do Arnaldo, cheio de mania devido ao brinquinho na orelha esquerda, todos os alunos tiveram a oportunidade de expor os seus pontos de vista.

- Os professores nunca nos dão bolas ou cordas para brincar no recreio. Dizem que é material de educação física e que não há dinheiro para comprar mais? ? reclamou o Duarte.

- Que porcaria de escola ? sussurrava o João.

Tens toda a razão, rapaz! ? pensava para consigo mesmo um professor sentado mesmo ao lado dele.